

### A floresta e o silêncio viravam noite...

“Depois, o rio, a floresta e o silêncio viravam noite... tornavam-se noite naquela lua que queimava o rio, queimava as águas... Então as histórias, os mitos, as lendas vivas, os habitantes e personagens fantásticos da floresta e do rio da Amazônia despertavam, soltavam-se, faziam-se livres... Os sinais de sua presença e de sua cumplicidade eram os pios e sussurros vindos da mata e os redemoinhos e movimentos da Mãe-d’água no “Grande Rio”. No alto a lua se movimentava de mil formas, por mil lugares. Surgia no poente do rio, no fim do horizonte, perdia-se na noite imensa, irrompia no meio da mata... Desaparecia nas estrelas, ressurgia banhando-se distraída, boiando de barriga pra cima, enfeitando o rio. Finalmente descendo solta e perigosamente pela correnteza, bola de chumbo rolando veloz pelas águas – São Jorge e o dragão em plena luta –, eu a vi sendo colhida nos rastros da embarcação, tragada e engolida pelos sulcos formados pela passagem do barco. Ela era afogada no céu do fundo das águas, espalhava-se e inundava de prata o rio cor de barro”.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*  
Autor: Walter Andrade Parreira  
(cap. 1 – ‘Pé na estrada’ – pág. 29/30)